

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.479
Quinta-feira, 20 de Setembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A PROPOSITO DA ESPANHA

ANÁLISE SERENA

A queda das democracias — A força da reacção — Quem dirá a última palavra

Há quem, olhando os factos através dos seus ideais conservadores, veja nos acontecimentos de que a Europa ultimamente tem sido teatro a salvação da sociedade capitalista, dos princípios autoritários, despoticos que os reaccionários pretendem impor aos povos.

A guerra pôz em cheque o espirito democrático de que estavam mais ou menos eivados os Estados europeus. Tentando conciliar o irreconciliável, as castas e classes que compõem a sociedade, a democracia tarde ou cedo viria a ser vítima de qualquer destas forças. As democracias nascidas duma aspiração de justiça redundaram em autênticas mistificações. O povo já não aere-dita nelas, já está descoroado e, como não é filósofo e pouco percebe de sociologia, limita-se a desejar uma transformação que lhe traga bem-estar.

A falência da democracia, com a consequente falência dos parlamentos e dos políticos profissionais criou no mundo duas tendências pronunciadas, duas aspirações novas, duas ansias de predominio das politicas antagonicas: a proletaria e a reaccionaria. Ambas combatem com igual afan a obra desmoralizadora dos politicos, ambas defendem a organização de sindicatos, ambas atacam a burla parlamentar. Mas no fundo odeiam-se profundamente e se dirigem de preferencia os seus golpes contra os politicos e organização democratica do Estado é afinal para mais a vontade submeterem a outra, a verdadeira inimiga. Assim aconteceu na Rússia: a revolução comunista derrubou o imperio no intuito de submeter as classes burguesas e reaccionarias. Assim aconteceu em Italia: o fascismo derrubou a democracia italiana no

intuito de aniquilar o movimento avançado do proletariado.

E em Espanha? Que pretende o movimento de casta militar que nós estamos presenciando agora? Destruir a politica ambigua dos Garcia Prieto e outros para em nome da ordem, aniquilar todo o movimento de tendencias liberais que sindicalistas e comunistas veem desenvolvendo com energia.

Ora, destas duas forças, a proletaria e reaccionaria, qual ficara vencedora? Significam os triunfos de Mussolini e Primo, todos da mesma familia, uma derrota do proletariado? Parece-nos bem que não. A subida destes homens, uns intelligentes como Mussolini, outros, ridiculos como o Primo, marcará a fase definitiva da luta?

A queda estrondosa das democracias, dando lugar a aparição das forças reaccionarias dispondo da sua maxima força, quanto a nós, representa apenas um aspecto da evolução dos povos. O progresso, diz-se, não marcha em linha recta. Os povos recuam, por vezes, para dar depois um salto maior, para atingir uma civilização mais alta. O problema social que a primeira vista parece complicar-se, com estes acontecimentos, imprimevistos e violentos, simplifica-se. Em Italia e em Espanha o problema está simplificado. Não há presentemente nesses países senão duas grandes forças: uma reaccionaria que esmaga e sufoca; outra, proletaria que se concentra, que toma alento na sombra, que dum momento para o outro surgirá irresistível e triunfante, porque tem pelo seu lado a Justiça e a ansia de Liberdade. E embora, por linhas sinuosas, o mundo avance sempre no sentido da maior Justiça e da mais ampla Liberdade.

Um padre bem padre

A biografia do José Domingues dos Santos — «A evolução das suas ideias» e a história edificante do Hotel Continental

Venho de ler num dos últimos números da Tribuna, do Porto, órgão do partido republicano português daquela localidade, dirigido pelo padre José Domingues dos Santos, o qual, mais uma vez insiste em diatribes tam es-pantosas como desentoadas, contra a organização operária.

Homem de crônica edificante, e a quem a idolatria e a sujeira da politica portuguesa, tem permitido escalar os pináculos da proeminência, as frases escalantes e vingadoras pingam-lhe da fecunda como os troves do seio de Jupiter, deixando a quem o ouve e o não conhece, a impressão de haver estado o verbo dum impeccável senhor de camisa negra.

Li-o, apertei-o, não obstante os embargos da vômito que, por vezes me perturbaram o entendimento, e, desde logo, me impuz o sacrilégio de dever de o exultar, desdobrando, perante o público de A Batalha, o estendal da sua torpe e mal cheirosa biografia.

Este cavaleiro de industria, iniciou seus passos na vida, pela carreira de padre. Isto é dizer pouco. Há padres feitos à força, por caprichos estultos de familia, por insucessos da vida, por dores morais profundas, dessas que precipitam a mentalidade e os sentimentos nos abismos da loucura. É uma padriche respeitável. A coacção exercida sobre essas desventuradas criaturas, a predisposição mórbida que os impelliu para uma vida de mistério e de sonho, de quimera e aparato, como se o derradeiro refugio apparecido a um naufrago exausto de forças, constituem, a bem dizer, um conjunto de circunstâncias que quasi os irresponsabiliza e os põe ao abrigo duma apreciação severa ou dum julgamento hostil.

Há padres, também, que pela sinceridade tacanha com que se devotam à observância exclusiva do sacerdotio, à hipocrisia piedade que facciosamente julgam exclusivo da fé, a psiquiatria deve considerar pela rama, reservando-lhe o capitulo da melancolia, da loucura mansa.

Há, também, os padres padres. São estes os padres que, já, no inconsciente da vida interuterina, e na precocidade da sua existência ulterior, revelam predisposições igrejas e trezandam a beatificas saletas, manifestando a bossa do desdobramento de personalidade, da duplicidade caracteristica de todo o padre bem padre, por dentro mais ateu que uma galinha, mais satiro que um fado, e, por fora, mais untuosos que o azeite, e mais seraficos que o próprio S. Francisco.

José Domingues dos Santos é desta fauna. Um patricio contemporâneo deste meliante, o sr. Alfredo Martins da Cunha, hoje estabelecido em Viseu, Estado do Pará, no Brasil, afirmou-me,

que, já aos 14 annos de idade, o perido másculo e saudoso, em que a rapaziada braveja, cacando aves e peixes, nadando e escarpitando aos pinheiros, jogando ao molro e ao pião, a choca e o pino, José Domingues, prendendo ao pescoço a saia branca da tia, brincava as procissões e ao confissionário, pregando sermões e dando hostias de folhas de videira a comer aos petizes e petizas vítimas da sua demência e serdida catequese!

Foi sacristia e padre, antes de ser padre. Freqüentou teologia, tomou ordens, rezou missa e pregou sermões na Semana Santa. Foi padre de vocação, e teve a padriche como officio. Depois, em 1910, a republica teve arreanhos separatis, iconoclastas, de bota-abaiço. A igreja em duas gerações, e o videirinho José Domingues, encareceu para o buchearello em direito, onde já mais conseguiu ou conseguirá ser alguma coisa além dum advogado de causas perdidas, um subalterno racocheur, sem jeito para decifrar as obscuridades scientificas do código e sem angilia para inspirar ao cliente uma confiança que o habilite a pedir preparos sem receio de incorrer em vigarice.

Falido no Pretório, onde a toga continuava com o azar da batina, em materia de proventos, a sua psicologia de cabotino fariou a vida politica, onde, para triunfar, se sentiu possuidor de todos os predicados publicos, cinismo, autoindulgencia, duplicidade, desvergonha, audácia, etc.

Já em 1915 José Domingues, na defesa dum monarquico, em Vila de Conde, afirmava que a republica não tinha razão de existir.

Em 1916 alistava-se nas fileiras republicanas, enquadrou no partido democratico. Nem poderia ser outro! O partido onde se riha e mandal! É uma poderosa politica, na verdade!

A sua carreira politica até hoje é uma longa serie de portarias.

Na revolução contra Sidónio Pais, denunciou os republicanos do Porto, dando origem à prisão de muitos, como já se provou no De Aveiro, na Imprensa de Lisboa e na revista A B.C. com a publicação, em zincogravura, de documentos irrelevantes.

Em 1920, eleito com o deputado Pinto de Fonseca, compete latrocinios de montaria nas minas de S. Pedro da Cova. Em 1922 comete o assalto à mão armada nos escritórios do notário António Mourão, na cidade do Porto, factos que, em longos artigos, o Primeiro de Janeiro, pela pena do jornalista Jorge de Abreu, relatou duma forma evidente e não impugnada.

Mas, há mais! Mais e melhor! É inédito o que vou contar! É a proeza dum ex-ministro da republica, autêntico g-

lheta, verdadeiro facinor! Define uma republical Empercalha toda uma corporação de advogados!

Trata-se do hotel Continental. Em Lisboa, no Rossio, existia um hotel com este nome, casa muito conhecida e bem afamada. Existia e já não existe.

Há 7 meses que ali foi hospedado o José Domingues dos Santos. Era proprietário do hotel uma senhora viuva. Esta senhora tinha uma filha, linda e moça, mas que, ao de cima de todas as excellências físicas, tinha o cativante predomínio de ser... berdeira.

José Domingues armon em Lovelace e fez-se de peito com a moça. Dai namoro, intimidades, e a faculdade de José Domingues, após a estratégia amorosa, pôr em pratica um repugnante plano. A saber: Sugestionou a rapariga a interditar, por demencia e prodigalidade, sua mãe, oferecendo-se para advogado e para o mais! Assim fez a rapariga.

A acção é posta em juizo. Um escrivão, amigo da proprietária do hotel, vai junto desta e aviza-o do perigo que corria. Um advogado aconselhou-a ir junto do sr. Grandela, senhorio do prédio, desistir do direito de arrendamento mediante 80.000\$000 que recebeu, e a vender fantasticamente todo o seu mobiliário. No dia immediato csi a justiça no hotel. Vejam o nariz da justiça!

Nada disto é mal! Pertence ao sr. Grandela e ao sr. fulano! Nesta occasião, o José Domingues fumando um perfumado charuto subia as escadas do hotel. A proprietária lobrigando-o, investiu: «seu prostituto seu gatuno!». Ao ver-se tratado pelos seus nomes próprios, José Domingues accossado pelo escândalo fuge espavorido e vai tomar um café ao Chave de Ouro... Continue José Domingues dos Santos a dizer mais dos operários, que para isso não falta merito nem autoridade moral.

Anibal de VASCONCELOS.

A grande excursão a Setúbal foi adiada para 7 de Outubro

AVISO

Não podia a apreciada banda da Academia Filarmónica Verdi, em virtude de compromissos anteriormente tomados, a incorporar-se na excursão a Setúbal se ela se realizasse no próximo domingo, como estava deliberado, ou no domingo seguinte. Por este motivo, a Comissão Pró A BATALHA, no desejo de que a referida banda «brilhante a excursão, resolveu adiar a para o dia 7 do próximo mês de Outubro, continuando entretanto a venda dos bilhetes que restam, não devendo demorar-se quem queira adquiri-los.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma barbaridade!

Pessoa amiga, recomenda do Algarve, contou-nos comovidamente um caso revoltante, para o qual chamamos a atenção do subdelegado de saúde de Lagos. Numa enxovia daquela cidade encontra-se internado, dormindo sobre o lagado frio e húmido, um pobre louco, sem roupas, nem carilhos, nem o tratamento que o seu caso requer. Esta barbaridade tem revoltado toda a gente de bem e necessita que immediatamente lhe pnham cobro. As casas de saúde e os manicómios não se fizeram para vista...

Dois gestos

Em Espanha, na povoação de Cripta-na que não vem no mapa o alcaide adjunto arrancou o «bando que proclamava o estado do sitio» e rasgou-o. No meio de tanta subversão perante as espingardas de Primo de Rivera o gesto do alcaide tem nobreza — nobreza de mistura com o que nós chamamos uma espanholada. Um cabo da guarda civil, isto é um inferior do alcaide prendeu-o e entregou-o à autoridade militar. Outra espanholada. Mas esta destituída de nobreza.

Um conselho prudente

Deu o dr. Vasco Borges uma entrevista num jornal defendendo com entusiasmo o aumento da circulação fiduciária. «O Rebate» não gostou da gaffe cometida pelo sr. Vasco Borges que é do partido democratico e sabe com um conselho. Um homem politico diante dum problema deve — diz ele — «manter-se prudente, desconfiado, discretamente expectante e mudo». Ora o sr. Vasco Borges diante do problema circulação fiduciária, manteve-se imprudente, confiado, nada expectante e espontaneamente falador.

A TERRA TREME

LA VALATTE, 19. — Houve um grande tremor de terra às sete e meia da manhã que durou 12 segundos. Os edificios foram rudemente abalados mas os prejuizos materiais foram relativamente pequenos. O pânico foi enorme. A população fugiu em altos gritos das suas casas para a rua, tendo também fugido das igrejas onde a essa hora se celebrava a missa.

PARIS, 19. — Sentiram-se fortes abalos sísmicos em Palmot e Rennes na Bretanha. Há dois dias sentiu-se um tremor de terra menos violento em Calice, igualmente na Bretanha.

A solidariedade dos trabalhadores

A recepção feita pelo povo portuense aos filhos dos mineiros de S. Pedro da Cova constituiu uma impressionante manifestação — A reacção e capitalismo aliados pretendem caluniar o gesto desinteressado do povo trabalhador do Porto — As crianças — não chegaram para satisfazer os pedidos dos que pretendiam dar-lhes abrigo —

PORTO, 18. — A manifestação que o povo trabalhador desta cidade entusiasticamente fez aos filhos dos mineiros em greve, constituiu um verdadeiro acontecimento, que profundamente emocionou todos aqueles que a presenciaram.

Foi uma autêntica e significativa apoteose dirigida áqueles humildes trabalhadores de S. Pedro da Cova, que tão elevadamente e heroicamente vem lutando contra a reacção patronal e jesuitica d'aquelle lugar iam oprimido e explorado. Foi um protesto vemente, vibrante, indignado saído de milhares de bocas, de milhares de peitos, contra uma empresa monopolizadora e velha, enriquecida e ladra, onde se encontra a uma enquistada severidade transmitida do sindicato carril da Boavista, — o nosso Santo Amaro...

Ficou bem patente toda a repulsa, todo o odio, todo o desprezo que o povo do Porto nutre pelos capitalistas bandeoleiros que se acotitaram em S. Pedro da Cova e lá se tornaram perfeitos Caligulas em miniatura — desprezo, odio, repulsa, que, reflexivamente, vai directilhões a todos os torvos especuladores e bandarras que infelicitam a existência da humanidade que trabalha e não vive do roubo organizado...

Aquella manifestação à chegada das crianças de S. Pedro da Cova, isto é, feita a uma infância escarnecida e precocemente tiranizada; feita ao futuro duma raça em degenerescência, mereço do bando de tigres que vai devorando o património social que devia ser comum, que vai maxilando, com insucessiva fúria, o esforço de todo um povo — demonstrou, clarivientemente, que a alma popular, que o sentimento popular, são maiores do que se julga. Aquilo não foi um quadro de generosidade, mas uma scena empolgante de solidariedade para com as victimas de S. Pedro da Cova — o que é muito diferente, o que é muito mais imponente...

Os «trucs» industrialistas e clericais para que as crianças não saíssem de São Pedro da Cova. Deixemo-nos, porém, de mais adjectivações, porque, por muito que oramos pintar o acto, resulta sempre insuficiente a ideia do que aquilo foi. Passemos, antes, e primeiramente, a descrever os «trucs» que os patrões e os mineiros da Igreja de São Pedro da Cova

empregaram para evitar que os filhos dos mineiros viessem para o Porto.

A reacção patronal e religiosa procurou aterroizar a população daquela freguesia de Gondomar, principiando por apresentar os habitantes portuenses como sendo terríveis anarquistas, os amigos de fazerem mal. «Oh! aquilo é uma gente sem fé, sem Deus, sem religião, industrializada pelo diabo para praticar os piores crimes!

O abade e os da empresa mineira não disseram que o operariado do Porto explora consciências, para viverem laudavelmente, roubam os seus semelhantes, para luxar escandalosamente. Não disseram isso, porque os trabalhadores de S. Pedro da Cova, sabem, por experiência própria, que os que trabalham é os que são roubados e oprimidos.

Mas procuraram outro processo, tenaz e obscuro para que os incautos, os simplistas, os tímidos, caíssem numa impressão desgrazada pela qual a simpatia se metamorfosasse em rancor para com os militantes operários da cidade.

«Não deixem os nossos filhos ir para os anarquistas do Porto, porque lá querem-nos lá para deles fazerem óleos».

O abade, que se sustenta da malandrice e de costas dretas, supoz que os anarquistas do Porto — que neste caso eram os amigos da organização — pertenciam à seita de Loyola, pertenciam aos esbirros de Santo Offício, aos illuminadores dos autos-de-fé...

E como os apóstolos de S. Domingos e das madres abadesas já possuíam em tempos as diversas inquisições, nas quais, em nome da bondade de Deus, queimavam vivos mulheres e homens, crianças e velhos — julgaram que o operariado do Porto lhes tinha herdado a sua ferocidade.

Afinal, o que se desprende das baboseiras do padre e seus amigos da empresa, é que todos esses malandrinhas são os únicos que tem desejos daquilo que tributam aos outros, porque são eles, os untuosos, os intrínsecos, os libusteiros das novas cruzadas da rapina burguesa e religiosa, as que estão derrelando o

como derradeira recompensa da tortura que em vida tanto sofreram...

No entanto, o basulque do abade guardou parte da sua bilis para a entorlar, na missa do Domingo, por de sobre os seus fiéis, envenenando-os o mais possível...

E de facto, no domingo passado, diante da imagem de Cristo, de Deus, que chicoteou os vendilhões, os ladrões do tempo; que pregou o amor às crianças, deixando-as bem vestidas e bem comidas; que se insurgiu contra os ricos e defendeu a paz e a fraternidade entre os homens — intrujou as devotas, dizendo-lhes o que acima fica descrito. Mais: aconselhou-as a que, na occasião em que os seus maridos estivessem na venda ou em outra qualquer parte a conversar, fossem percorrer as casas dos mineiros e confessarem ás suas mulheres a sua tremenda mentira, influenciando-as a que não deixassem para o Porto os seus filhos, impondo-se aos seus companheiros, porque era um insulto à freguesia, porque era uma vergonha para todos...

Sim, não há dúvida, que é uma vergonha a vinda dos filhos dos mineiros para esta cidade, mas uma vergonha para o abade, mas uma vergonha para os roedores, para os régulos das minas — uma vergonha porque o povo do Porto, mais de perto, viu toda a miséria dos mineiros — lendo no raquitismo e nos farrapos humildes dos petizes do o sofrimento que os seus pais agüentam...

Não queriam, sim, que o Porto notasse, reparasse nos andrôjos dos filhos dos mineiros, na cor clorótica dos filhos dos mineiros, toda a hedonice da infame exploração dos usurários de S. Pedro da Cova...

A chegada dos caminhões a S. Pedro da Cova — Uma impressão agradável — Enquanto as coisas se preparam, colhe-se informações a propósito das ultimas violências da empresa e das autoridades

Todavia, todos os esforços do abade calaram por terra. O milhafre do jesuitismo não conseguiu fazer ninho. E assim, apesar dos boatos que corriam, que não quebrantaram as energias da Delegação Confederal e U. N. O. o primeiro caminhão partiu do

largo de Santo André, pelas 16 horas e meia, aproximadamente.

Mal o caminhão surgiu na volta da estrada que fica à vista do fundo da Cova, todos os olhos se voltaram para o auto. Uma multidão de homens, mulheres e crianças aglomerava-se, irrequieta, no local, aguardando ansiosamente a nossa chegada.

Foi uma impressão agradabilíssima a que recebemos: em vez duma assuada que o padre e seus acólitos tentaram mover-nos, tivemos um bom acolhimento por parte daquilo pouco humilde — tivemos palmas, vivas, sorrisos, flores, e carinho, que iam cair, como pétalas de flores, em cima daquelas crianças martirizadas que fomos buscar, a fim de lhes proporcionar um momento de melhor conforto e de maior alegria...

Não era o messias que ali chegava, não era um falso profeta que aportava áquellas regiões onde agoniza a maioria dos seus habitantes. Quem chegava ali era a Solidariedade da organização operária, o respeito, a admiração, o sentimento fraternal daquele povo do Porto que também sofre a tirania capitalista e tem sede de justiça.

E a comocão daquela gente que tão duramente é maltratada moveu-nos também...

Enquanto, porém, as coisas se preparavam e se esperava pelo outro caminhão, que chegou passado uma hora, pouco mais ou menos, fomos colhendo alguns informes acerca das ultimas patarilhas da empresa. Esta, como já dissemos, fizera uma intimação formal para que os seus escravos se dessem por vencidos, retomando imediatamente o trabalho. Caso contrario, seriam considerados despedidos, e aqueles que estivessem habitando no bairro da empresa seriam de lá expulsos.

O ultimatum não surtiu efeito algum. Furiosos os carrascos das minas, dirigiram a offensiva na quinta feira à noite. Com o auxilio da guarda republicana, quiseram efectuar o despejo forçado de todas as regras da legalidade, porquanto a Constituição politica da república não consente que se assalte de noite a casa de qualquer cidadão. Não obstante, a guarda, que tem o dever de conhecer as leis, propunha-se a prática daquela violência. Os choros das crianças — das mães e a attitude dos mo-

A questão dos ferroviários do Estado foi agravada pelo governo que pretendendo hoje conferenciar com a comissão de «démarches» daqueles operários mandou ontem prender o camarada Miguel Correia, membro da referida comissão.

Monstruosidade!

Nada há que justifique a permanência de inú-
— meros operários em São Julião da Barra —

A liberdade individual à mercê dos caprichos do António Maria

Há três meses que o sr. António Maria da Silva vem praticando a pior das arbitrariedades, privando de liberdade criaturas que nenhum delicto praticaram. Há três meses que se encontram na fortaleza as victimas duma vingança governamental. Nesse longo espaço de tempo ainda não foi imputada a culpabilidade dos presos. Estes ainda continuam sem culpa formada.

Semelhante prolongado cativo é mantido contra o espirito das leis, no maior desprezo por todos os direitos humanos.

O direito à liberdade foi suprimido. Qualquer individuo que desagrade ao sr. António Maria da Silva, zás! — prisão. Os dias rolam, as semanas passam, os meses seguem-se e o individuo continua preso. Porquê? Razões legais não existem. Porque não lhe é formada a culpa. A única razão que justifica uma prisão injustificável à face das leis e da vontade do sr. António Maria da Silva. No chefe do governo. Não, Sr. Silva. No chefe do governo. Não, Sr. Silva. No chefe do governo. Não, Sr. Silva.

Além dessa manifestação provocadora de poder pessoal, acresce talvez outra circunstância. É a dificuldade de formar processos sem provas.

Seja como seja, a revoltante iniquidade ameaça perpetuar-se. O homem cuja existência politica está recheada de ilegalidades de conspirações de bombas e de carbonárias, continua praticando este incomensurável desatino. O protector de acambradores arvorou-se em perseguidor, em carrasco de operários.

Nunca no tempo da monarquia, nem mesmo no tempo do negroado franquismo se cometeu tam odiosa violência.

António Maria da Silva, converteu-se em rei, em autor dum crime repugnante. Atentar contra a liberdade dum homem, equivale quasi a atentar contra a sua vida. Atendendo contra a liberdade de tantos individuos, o sr. António Maria da Silva feriu mortalmente o direito individual. O crime não pode perpetuar-se. Os presos não podem continuar em S. Julião da Barra em obediência ao capricho pessoal dum mediocre que trepou pela politica — essa politica que dá aos mais burros os lugares de maior destaque.

A questão dos presos de S. Julião da Barra está enveredando por um terreno

de excepcional gravidade. É que a violação cometida, enerva e revolta. Não há direito de atentar contra a liberdade duma maneira tam flagrante e criminosa.

Os presos estão em S. Julião porque a vontade individual do sr. António Maria da Silva, assim o exige. Porque não instauram os processos aos presos? Falta de tempo? Semelhante alegação seria não só a mais vergonhosa das mentiras, mas também a maior das tolices. É escusado procurar. Há só uma única razão. É que instaurar os processos aos presos equivaleria a dar às prisões um aspecto de legalidade. Assim, como estão, sem culpa formada, bem a entender, que é a vontade individual, o poder pessoal de António Maria da Silva quem exige a sua prisão.

Além dessa manifestação provocadora de poder pessoal, acresce talvez outra circunstância. É a dificuldade de formar processos sem provas.

Seja como seja, a revoltante iniquidade ameaça perpetuar-se. O homem cuja existência politica está recheada de ilegalidades de conspirações de bombas e de carbonárias, continua praticando este incomensurável desatino. O protector de acambradores arvorou-se em perseguidor, em carrasco de operários.

Nunca no tempo da monarquia, nem mesmo no tempo do negroado franquismo se cometeu tam odiosa violência.

António Maria da Silva, converteu-se em rei, em autor dum crime repugnante. Atentar contra a liberdade dum homem, equivale quasi a atentar contra a sua vida. Atendendo contra a liberdade de tantos individuos, o sr. António Maria da Silva feriu mortalmente o direito individual. O crime não pode perpetuar-se. Os presos não podem continuar em S. Julião da Barra em obediência ao capricho pessoal dum mediocre que trepou pela politica — essa politica que dá aos mais burros os lugares de maior destaque.

A questão dos presos de S. Julião da Barra está enveredando por um terreno

de excepcional gravidade. É que a violação cometida, enerva e revolta. Não há direito de atentar contra a liberdade duma maneira tam flagrante e criminosa.

Os presos estão em S. Julião porque a vontade individual do sr. António Maria da Silva, assim o exige. Porque não instauram os processos aos presos? Falta de tempo? Semelhante alegação seria não só a mais vergonhosa das mentiras, mas também a maior das tolices. É escusado procurar. Há só uma única razão. É que instaurar os processos aos presos equivaleria a dar às prisões um aspecto de legalidade. Assim, como estão, sem culpa formada, bem a entender, que é a vontade individual, o poder pessoal de António Maria da Silva quem exige a sua prisão.

Além dessa manifestação provocadora de poder pessoal, acresce talvez outra circunstância. É a dificuldade de formar processos sem provas.

Seja como seja, a revoltante iniquidade ameaça perpetuar-se. O homem cuja existência politica está recheada de ilegalidades de conspirações de bombas e de carbonárias, continua praticando este incomensurável desatino. O protector de acambradores arvorou-se em perseguidor, em carrasco de operários.

Nunca no tempo da monarquia, nem mesmo no tempo do negroado franquismo se cometeu tam odiosa violência.

António Maria da Silva, converteu-se em rei, em autor dum crime repugnante. Atentar contra a liberdade dum homem, equivale quasi a atentar contra a sua vida. Atendendo contra a liberdade de tantos individuos, o sr. António Maria da Silva feriu mortalmente o direito individual. O crime não pode perpetuar-se. Os presos não podem continuar em S. Julião da Barra em obediência ao capricho pessoal dum mediocre que trepou pela politica — essa politica que dá aos mais burros os lugares de maior destaque.

A questão dos presos de S. Julião da Barra está enveredando por um terreno

de excepcional gravidade. É que a violação cometida, enerva e revolta. Não há direito de atentar contra a liberdade duma maneira tam flagrante e criminosa.

Os presos estão em S. Julião porque a vontade individual do sr. António Maria da Silva, assim o exige. Porque não instauram os processos aos presos? Falta de tempo? Semelhante alegação seria não só a mais vergonhosa das mentiras, mas também a maior das tolices. É escusado procurar. Há só uma única razão. É que instaurar os processos aos presos equivaleria a dar às prisões um aspecto de legalidade. Assim, como estão, sem culpa formada, bem a entender, que é a vontade individual, o poder pessoal de António Maria da Silva quem exige a sua prisão.

Além dessa manifestação provocadora de poder pessoal, acresce talvez outra circunstância. É a dificuldade de formar processos sem provas.

Seja como seja, a revoltante iniquidade ameaça perpetuar-se. O homem cuja existência politica está recheada de ilegalidades de conspirações de bombas e de carbonárias, continua praticando este incomensurável desatino. O protector de acambradores arvorou-se em perseguidor, em carrasco de operários.

Nunca no tempo da monarquia, nem mesmo no tempo do negroado franquismo se cometeu tam odiosa violência.

António Maria da Silva, converteu-se em rei, em autor dum crime repugnante. Atentar contra a liberdade dum homem, equivale quasi a atentar contra a sua vida. Atendendo contra a liberdade de tantos individuos, o sr. António Maria da Silva feriu mortalmente o direito individual. O crime não pode perpetuar-se. Os presos não podem continuar em S. Julião da Barra em obediência ao capricho pessoal dum mediocre que trepou pela politica — essa politica que dá aos mais burros os lugares de maior destaque.

A questão dos presos de S. Julião da Barra está enveredando por um terreno

de excepcional gravidade. É que a violação cometida, enerva e revolta. Não há direito de atentar contra a liberdade duma maneira tam flagrante e criminosa.

Os presos estão em S. Julião porque a vontade individual do sr. António Maria da Silva, assim o exige. Porque não instauram os processos aos presos? Falta de tempo? Semelhante alegação seria não só a mais vergonhosa das mentiras, mas também a maior das tolices. É escusado procurar. Há só uma única razão. É que instaurar os processos aos presos equivaleria a dar às prisões um aspecto de legalidade. Assim, como estão, sem culpa formada, bem a entender, que é a vontade individual, o poder pessoal de António Maria da Silva quem exige a sua prisão.

Além dessa manifestação provocadora de poder pessoal, acresce talvez outra circunstância. É a dificuldade de formar processos sem provas.

Seja como seja, a revoltante iniquidade ameaça perpetuar-se. O homem cuja existência politica está recheada de ilegalidades de conspirações de bombas e de carbonárias, continua praticando este incomensurável desatino. O protector de acambradores arvorou-se em perseguidor, em carrasco de operários.

Nunca no tempo da monarquia, nem mesmo no tempo do negroado franquismo se cometeu tam odiosa violência.

António Maria da Silva, converteu-se em rei, em autor dum crime repugnante. Atentar contra a liberdade dum homem, equivale quasi a atentar contra a sua vida. Atendendo contra a liberdade de tantos individuos, o sr. António Maria da Silva feriu mortalmente o direito individual. O crime não pode perpetuar-se. Os presos não podem continuar em S. Julião da Barra em obediência ao capricho pessoal dum mediocre que trepou pela politica — essa politica que dá aos mais burros os lugares de maior destaque.

A questão dos presos de S. Julião da Barra está enveredando por um terreno

de excepcional gravidade. É que a violação cometida, enerva e revolta. Não há direito de atentar contra a liberdade duma maneira tam flagrante e criminosa.

Os presos estão em S. Julião porque a vontade individual do sr. António Maria da Silva, assim o exige. Porque não instauram os processos aos presos? Falta de tempo? Semelhante alegação seria não só a mais vergonhosa das mentiras, mas também a maior das tolices. É escusado procurar. Há só uma única razão. É que instaurar os processos aos presos equivaleria a dar às prisões um aspecto de legalidade. Assim, como estão, sem culpa formada, bem a entender, que é a vontade individual, o poder pessoal de António Maria da Silva quem exige a sua prisão.

As propriedades e o sentimento de André Ferreira são aprovadas por unanimidade.

TEATRO APOLO

— HOJE —

o emocionante drama

As Pupilas do

Senhor Rector
que tanto êxito
obtiveram ontem

— HOJE —
o emocionante drama
As Pupilas do
Senhor Reitor
que tanto êxito
obtiveram ontem

O professorado primário e o movimento social

Os falsos e os verdadeiros amigos da ordem — O que significa a Secção Portuguesa da Internacional dos Educadores — O papão bolzevista já não mete medo

Porque no seio do Professorado Primário, e do professorado de todos os ramos do ensino, há uma corrente, aquela que talvez e certamente mais contribua para a implantação da República, e mais a tem defendido e defende, mas que apesar disso e porque bem compreende e encara as naturais tendências progressivas e perfectivas dos povos reveladas através das gerações, abraça e pugna afinadamente pelo ideal, utopia de hoje, realidade de amanhã, que há-de trazer ao povo um melhor e mais harmonioso viver social, por vezes, parece que com fins reservados pretenda desvirtuar e amesquinhar todos quantos alvita e nobremente se empolva nessa gloriosa luta pelo futuro. Porque professores de todos os ramos do ensino fundaram a Secção Portuguesa da Internacional dos Educadores, com o fim de estabelecerem uma estreita união e solidariedade entre todos os educadores do mundo, de modernizarem processos e métodos de educação e ensino em harmonia com as actuais tendências sociais dos povos, lutar pelo aperfeiçoamento moral e social da sociedade, evangelizar os princípios sublimemente generosos da igualdade e da fraternidade entre todos os indivíduos, todas as classes e todos os povos, porque os educadores portugueses fizeram o que na maior parte das outras nações já está feito há muito e porque muitos professores primários aceitaram entusiasticamente a ideia da fundação da Secção Portuguesa da Internacional, por isso não temos notado que por algures se tem formulado afirmações tão erradas, tão fora da lógica dos factos e da verdade, que por desobediência aos revoltam e despertam na nossa alma de homem livre uma profunda indignação. Assim, não é já a primeira vez que nós temos ouvido dizer que o professorado primário não é sindicalista, não é avançado, não é amante do progresso... eu sei lá, não é republicano, porque é amigo da ordem. Estranha visão, estranha mentalidade a de quem faz tais estúpidas afirmações. Não podemos compreender que ideia esta gente faz do que seja progresso e do que seja ordem.

Com que então os republicanos, os sindicalistas, todos enfim que encaram o aperfeiçoamento dos povos, a luta por um futuro melhor, como uma das mais transcendentes tarefas da humanidade, são uns desordeiros? Só os inimigos do progresso, espíritos avessos, os jesuitas, os monárquicos etc. são amigos da ordem!... Sim, talvez seja isso!... Não é que temos caminhado em mau campo... Esta tendência progressiva, esta ansia de perfectibilidade, sentimentos natos na alma dos povos, são uma ficção, como uma ficção, um embuste, uma mentira, uma desordem completa, tendo sido esse esforço colossal dispendido pelas gerações passadas em prol da perfeição, da emancipação, para se desembaraçarem das grosserias do passado... Sim, inimigos da ordem devem ter sido os servos da gleba do feudalismo, o povo rudo, escravo dos nobres, servo da burguesia, que um dia um pouco esclarecido e iluminado pela luz da ciência e da instrução, numa arrancada gloriosa quebrou a algema, despedaçou o grilhão, sacudi o jugo que o juncava ao pelourinho ignominioso da escravidão, hasteou bem alto o pendão da Liberdade, e vem-se esforçando por implantar no mundo uma nova era de paz e amor, de igualdade e fraternidade. Inimigo da ordem deve ter sido esse nobre povo que durante séculos jazeu ignorante, oprimido, desprezado e escravizado pela monarquia, mas que se sentiu de liberdade e perfeição, farto de viver no escuro e de despresos, um dia, foi-se ao trono e escavacou-o; exilou-o; rejeitou-o; implantou a república, e não parou, continuou a lutar pelo futuro. Deve ser isso de verdade... E agora compreendemos a razão porque os conservadores, os inimigos do progresso, os homens da ordem, não querem que o professorado primário seja amante do progresso e da perfectibilidade dos povos, seja o evangelizador máximo da perfeição humana. Deve ser por isso que uma grande propaganda reaccionária católica se está fazendo no seio do professorado primário. Sim, é para tornarem o professorado primário amigo da ordem que se tem dirigido convites a professoras e professores convidando-os a entrarem para uma associação católica, em preparação, que se denominaria «Associação dos Professores Primários Católicos». É por isso que um desses papalhões nos veio cair às mãos,

lembra nos não fosse dirigido, e é por isso ainda que essa associação pretende ter um órgão na imprensa. São estes os únicos amigos da ordem. Os que não são católicos, os próprios professores republicanos, são uns desordeiros. E então aqueles que mesmo dentro da República continuaram ainda lutando pelo aperfeiçoamento moral e social do povo, porque a perfeição humana é ilimitada; continuaram lutando pela conquista duma organização social mais harmoniosa com os seus princípios da Humanidade, porque para os espíritos cultos e livres, nem a forma monárquica nem a republicana será a última na escala das organizações sociais dos povos, como de resto nenhuma será a última, esses que continuaram sempre lutando por um futuro melhor, embora respeitando e defendendo mesmo em todos os campos as instituições republicanas, esses são os verdadeiros, os fiéis inimigos da ordem.

Mas, deixando esta leve ironia que exponencialmente nos brota da alma, não havemos de dizer-vos, ó bons!... havemos de dizer-vos aqui bem alto, que também somos amigos da ordem, muito amigos mesmo, porque de paz e ordem é o ideal que pregamos. É certo, é verdade que no seio do professorado primário há uma grande corrente de avançados, que só estão subordinados ao seu ideal, que não estão confederados na C. G. T., porque nem o podem estar, mas uma vez havemos de dizer-lhe a todos quantos, numa grande demonstração de ignorância, sobre o assunto, tem afirmado o contrário. Para não cairdes de novo na ansia, voltaremos a dizer-vos que a C. G. T. é um organismo dirigente formado por delegados de sindicatos, ou doutros as sociedades operárias. Mais uma vez afirmamos, pois, sem receio de desmentido, que hoje não há professores primários confederados na C. G. T., o que não quer dizer que amanhã, se possível for, lá os não haja. É porque nós sabemos isto, e porque nós sabemos que no seio do professorado primário há elementos avançados, religiosamente devotados à causa do progresso, com maior razão nós mesmos também que na verdade a classe do professorado primário é uma classe ordeira, que encara e faz da sua missão um sacerdócio, o mais elevado dos sacerdócios. Mas atenda-se bem nisto: ordeira, sem ser sinónimo de atrasada, retrógrada reaccionária. Como muitos pretendem.

E' que para nós, amigos da ordem, não são só os professores que militem nos partidos organizados da república; os que se conservem ainda dominados pelos princípios religiosos, ou acaso estejam apegados aos velhos princípios da monarquia. Para nós, amigos da ordem, não são também todos quantos havendo bem alto o seu pendão símbolo do progresso, onde se lê a legenda o mundo marcha, se esforçam por estreitar os laços da solidariedade humana, da fraternidade universal, que dominam por uma única e legítima religião, da humanidade, se esforçam por levar as sociedades à emancipação. Para nós, professores primários ordeiros não são só os que acaso se encontrem filiados nas juventudes católicas, e os que em vão pretendem fundar a «Associação Católica dos Professores Primários de Portugal».

Para nós, muito mais amigos da ordem, já por ideal, já porque não mais coerentes e transigentes, são também aqueles punhado de professores que num rasgo de alta abnegação, militam e fundaram a Secção Portuguesa da Internacional dos Educadores, e todos quantos continuam lutando pelo aperfeiçoamento moral e social dos povos. Estes, estão dentro da ordem natural, manifestação daquela natural tendência para a perfeição, que se tem revelado sempre em todos os indivíduos, em todos os povos, desde que o mundo é mundo, e que se tem continuado a revelar através das gerações, conforme se foi operando o aperfeiçoamento moral e social da humanidade. Nós que respeitamos e defendemos as instituições republicanas, embora de olhos fitos num futuro melhor, embora lutando sempre por uma organização social onde os deveres e os direitos dos cidadãos sejam iguais, onde impera uma perfeita e bem compreendida fraternidade, nós, repetimos, somos também amigos da ordem, porque de ordem é o nosso ideal. Para nós, republicano, avançado, sin-

dicalista, qualquer nome que indique o indivíduo luta pelo progresso, para nós não é sinónimo de desordem. Já o desordenado e não nos cansaremos de o repetir: para nós, como de resto para todo o ser consciente, para todo o espírito livre e despido das amarras do preconceito e dos dogmas, de convencionalismos e de interesses, o progresso humano é como que uma cadeia interminável, em que cada elo que atinge, é mais um passo no caminho da perfeição. Para nós, as organizações sociais não se modificam-se conforme o grau de cultura e aperfeiçoamento dos povos. E quem pode e mais deve pugnar por esse aperfeiçoamento, é o professor primário, embora respeitando as instituições vigentes, e todas as ideias e todas as crenças. A própria Internacional dos Educadores, instituição mundial, que já vai tendo ramificações por todo o mundo culto e que acaba de fundar a sua Secção em Portugal, não tem ligação com quaisquer outras instituições, e dentro dela cabem todos os credos políticos e religiosos... Quanto a nós, e todos os que como nós pensamos, de consciência tranquila, de cabeça bem erguida, sem medo a suspeitas acusações, continuaremos na nossa tarefa, defendendo sem

luta a classe do Professorado Primário de todas as insidias que pretendam arrastar-nos para trás, e de acentuar que ela avance no caminho do progresso, e lute portanto pelo futuro, são todos quantos foram e serão sempre contra a República. Mas escusado será meter-lhe medo com o papão bolzevista, interminável, em que cada elo que atinge, é mais um passo no caminho da perfeição. O professorado também sabe estudar as questões, dedicar todo o carinho e atenção ao estudo do objectivo das ideias que por si se pregam, e portanto conhecer o que está em harmonia com as leis do progresso, o que mais convém para a felicidade dos povos. Escusado será pois assustarem-nos com o futuro, com o fim de o arrastarem para o escuro do passado. Não o conseguiremos, porque permitindo-me servir das afirmações feitas ao jornal «O Notícias da Beira» pelo meu muito amigo e illustre colega, Gomes Belo «o professorado, a maioria tem princípios avançados, tendo dado com todo o calor da sua alma, a adesão à Internacional dos Educadores, recentemente organizada em Leiria».

Carvalho DUARTE

VIDA POLITICA
Núcleo de Juventude Comunista do Porto — (S. da J. N. J. C.) — No passado sábado reuniu este organismo em assembleia geral, para apreciar a nota publicada neste mesmo jornal, da Junta Nacional das Juventudes Comunistas, e resolver o caminho a seguir em face da mesma. Depois de ligeira discussão foi a mesma perfeitamente aprovada, iniciando a Comissão Executiva relações oficiais com aquele organismo de que foi aderente, continuando a reconhecer a Junta Nacional das Juventudes Comunistas como organismo supremo na direcção da Secção Portuguesa da I. C. dos jovens.

No final foi lavrado um vemente protesto contra as perseguições aos elementos revolucionários, pelos representantes da exploração capitalista. **Comissão Executiva.** — Reúne hoje, para tratar de assuntos que se prendem com a saída do jornal «Bandeira Vermelha» e dos assuntos pendentes da última reunião.

Comuna do Porto. — O Centro Comunista do Porto, reunido no passado domingo em assembleia geral, para apreciar e resolver as determinações do Comité Executivo do partido, aprovou para que a organização do Porto passe a denominar-se: «Comuna do Porto», sendo também nomeados delegados ao Congresso: Apolónio Aragão, Henriques Fernandes, Domingos T. Fontes, António F. Torres, António Sales, e José M. Oliveira.

Comuna Rosa de Luxemburgo, de Beja. — Nomeou a Comissão Administrativa, que ficou constituída por: secretário, José Maria Santos Chicharro, secretário adjunto, António Jacinto Pires, tesoureiro, Manuel Martins, Delegado ao Congresso, Francisco António Moreno, João Manuel Conde Matos e José Maria Santos Chicharro.

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»
Os dramas do mar
Uma explosão de griz à bordo. Há dias, a 75 milhas da costa inglesa, a bordo de um vapor de carga de nacionalidade grega, denominado *Antônio Lemos*, e que conduzia carvão para Palermo, deu-se uma explosão de griz, a qual inutilizou o barco e provocou o chamamento de socorros pelo que foi expedido um radiograma. Aduziu imediatamente um navio de nacionalidade italiana, de nome *Andréa Costa*, que navegava a pouca distância e que recolheu a bordo a tripulação, que se compunha de 24 homens. Recolhidos os tripulantes, o navio incendiado afundou-se. Do desastre saiu gravemente ferido, mas não morto, o marinheiro Spiros Nicolau Peitos, de 20 anos, solteiro, o qual foi pensado a bordo. O *Andréa Costa*, que necessitou meter mantimentos, entrou ontem no Tejo, sendo o ferido transportado para o hospital de S. José, para onde seguiu acompanhado pelo secretário do Consulado Geral da Grécia, sr. Nicolas J. Alexiades, recolhendo à enfermaria de S. José.

caso. Suspirando profundamente, caminhava através das ruas imóveis e silenciosas, ainda não trasgadas pela aproximação da alvorada. Marchando ao longo dos campos, pensava ele que talvez conseguisse ganhar o dinheiro suficiente para poder, na primavera, voltar à aldeia e casar com Wassilissa Chimova; e Wassilissa erguia-se diante dos seus olhos: alta, forte e sadia... Talvez pudesse arranjar um lugar de porteiro em casa de qualquer comerciante rico, e nesse caso, não seria já Wassilissa que ele desposaria, mas uma bonita rapariga da cidade. Caminhava, e, atrás dele, a aurora lá avelanando lentamente o céu; as sombras da noite desapareciam imperceptivelmente e os raios dourados de palidez do sol de inverno desenhavam-se sobre a neve. Debaixo de seus pés, a neve estalava agorosa, mais ruidosa e alegremente, e Wania pôs-se a cantar. «Finitavim-lhe, não bôlo três moedas de vinte kopeks e as notas dessa canção despertaram docemente, no seu espírito, pensamentos e conjecturas sobre o futuro. Marchava, com ligeireza e agilidade: os pés não se lhe enterravam na neve; os ombros aspiavam com delícia o ar frio e um sentimento de coragem invadira-lhe todo o ser, como se o azul longínquo de uma beleza maravilhosa o estivesse atraindo. Parecia-lhe que as pessoas que se encontravam, o olhavam com bondade e docura. Levantavam com orgulho o lábio superior, olhavam o buço coberto de orvalho, imagi-

LISBOA NA RUA

Um achado macabro
O dr. sr. Eduardo Neves, assistente do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, acompanhado pelo fotógrafo do mesmo estabelecimento sr. Raúl de Abreu, foi ontem à noite ao Mousinho da Silveira, no Parque Eduardo VII, a fim de fotografarem o local onde foi encontrado um esqueleto humano, caso que referimos.

Exame antropológico
Para continuação do exame antropológico voltou ontem ao Instituto de Medicina Legal o cabo Anastácio Moreno, da G. N. R., autor da morte e esquartejamento de José Augusto Lino.

Agressão
No Banco do hospital de S. José, recebeu ontem curativo Manuel dos Santos Vaz, de 52 anos, padreiro e residente na rua da Senhora da Glória, páteo Sousa, 14, que ali foi agredido por um visinho, o qual lhe vibrou uma facada no rosto.

Festejos em Paço de Arcos
Promovidos pela Sociedade Instrução Musical e Associação de Socorros Mútuos Paço de Arcos, com o concurso do Sport Lisboa e Paço de Arcos, realizam-se nos dias 22, 23 e 24 do corrente brilhantes festejos naquela localidade. No sábado, 22, pelas 20 horas, inaugurar-se-á a quermesse, haverá iluminações e bailes populares, sendo abrihantados pela Sociedade Instrução Musical.

No domingo, alvorece às 7 horas, grandes provas de natação às 10.30 horas, festas desportivas às 14 horas, cavalhadas às 17 e vinda da flor em benefício da Associação de Socorros Mútuos, às 20 horas, continuação do arraial com iluminações e bailes, fazendo-se ouvir as bandas da Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia de Santo Amaro-Lisboa e outras.

Na segunda-feira, às 20 horas, continuação do arraial, iluminações, quermesse, bailes e desfiles populares, etc. Às 24 horas de artilharia de Viana do Castelo, a banda da localidade abrihantando estas festas. Nos dias dos festejos a Sociedade Estoril promoverá combóios especiais para Paço de Arcos se afluência de passageiros assim o exigir.

Pedras para isqueiros
Metal Auer, assim como rochas, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tambores. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

DI-LO TODA A GENTE
que são os fabricantes
Donas da Covilhã
que mais barato vendem, directamente ao público, as melhores e mais bonitas fazendas de lá para

Fatos e vestidos
Depósitos de venda a retalho:
EM LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
NO PORTO
Rua Fernandes Tomás, 392-A

Casa Narciso
Fabricante de bandeiras
Especialidade em bandeiras artísticas
187-B dos Fanqueiros-187

Pedras para isqueiros
Legítimo metal Auer única privilegiada e a mais universalmente per se por a que faz melhor isqueiro e que tem maior duração.
Dúzia 50 centavos (cuidado com as imitações).
Venda em centos e aos milhares. Assim como isqueiros, rochas, tubos, pipos e tambores, nos melhores preços para revenda.
Pedidos a
CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

A raça negra

Realizam-se brevemente em Lisboa uma conferência nacional e um congresso internacional. Está anunciada a reunião em Lisboa, nos princípios de Novembro próximo, do congresso da Associação Pan-Africana, constituída pelos amigos do deputado francês dr. Blaise Diagne e os adeptos do americano dr. Bougarbui Du Bois.

Ao mesmo tempo foi anunciada pela Junta Central Legislativa do Partido Nacional Africano a reunião também em Lisboa duma conferência nacional dos representantes das organizações negras das províncias da África Portuguesa.

Querê tudo isto dizer em resumo que Lisboa vai assistir a uma conferência nacional dos negros portugueses e a um congresso internacional dos negros de todo o mundo.

Depois dos congressos negros de Bruxelas, Londres, Paris, New-York, Washington, Ginebra, Lisboa também vai ter os seus congressos e tudo leva a crer que estes últimos vão ser mais agitados.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúne amanhã a assembleia para um assunto urgente, não devendo faltar nenhum filiado. — As secções da construção civil, mobiliária, metalúrgica, de Belém, do Beato e Olivais e do Alto do Pina convidam todos os seus filiados a comparecer na assembleia do Núcleo que amanhã se realiza.

A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

BENAVENTE
17 DE SETEMBRO

Um caso lamentável
No sábado à noite deu-se um caso que toda a gente lamenta em virtude dos seus protagonistas serem bem estimados por todos.

Por uma questão fútil, José Nunes Ganhão e João de Paula, trabalhadores, que eram primos e íntimos amigos, envolveram-se em desordem, de que resultou a certa altura o segundo cravar no ventre do primeiro uma navalha que lhe atingiu os intestinos e os rins.

Apesar desta terra ocupar uma grande área, não se encontrava ali o médico respectivo, sendo necessário pedir o auxílio do dr. sr. Morais Sarmiento, médico dos hospitais civis de Lisboa e que aqui se encontra a descansar em casa de seu tio, Carlos Sabino.

O dr. sr. Morais Sarmiento imediatamente acudiu ao ferido, que já estava no hospital, tendo-lhe feito a operação de laparotomia, mas declarando que não poderia viver mais de 24 horas. De facto pouco tempo mais resistiu, porque veio a falecer pelas 16 horas de hoje.

José Nunes Ganhão, que devia contar 37 anos de idade, deixava viúva e dois filhos menores, e João de Paula, que era da mesma idade, foi preso na mesma noite.

Este caso tem sido lamentado por todos, porque os dois trabalhadores, sendo primos e amigos íntimos, contavam muitas simpatias. João de Paula já tentou pôr termo à existência.

Gama
GRANDE VARIEDADE
— DE —
Bilhetes, fracções e cautelas para todas as
LOTERIAS
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais \$50 para registo
Fornece para revender
TELEFONE 4.020 NORTE
PEDIDO A
F. SILVA GAMA
Rua Amparo, 51 — Lisboa

LIMAS
As melhores são as da «União» — Tome Feltre, Vieira de Leiria — Pedir em todas as lojas de artigos de limpeza em geral.
MARCA REGISTRADA — preços em conformidade com as melhores inglesas.

ruido e as lamentações lúgubres da tempestade doam-lhe os quadris, os pés tornavam-se-lhe trôpeços, vacilava, pretendia afastar a neve, a cada passo, e encolerizava-se lembrando a mãe: — Enquanto ela está em casa, socegada e sem frio, morro eu aqui gelado... Depois, sentia-se tão fatigado que nem mesmo podia pensar. Só tinha um desejo: andar mais depressa, chegar à cidade, entrar em uma casa confortável, beber chá a escaldar. Com o tronco curvado e a cabeça baixa, marchava pesadamente semelhante a um boi, e não se apercebeu de nada que o cercava até ao momento em que ouviu entre os ruidos da tempestade, o silvo triste da máquina de uma fabrica. Parou, endireitou-se e suspirou profundamente. Em seguida tirou do bolso o dinheiro e meteu-o na boca, para que o seu tilintar não seduzisse a gente da cidade. Através o véu pardacento da neve, a cidade parecia uma nuvem compacta, colada contra a terra. Ouviam-se os primeiros toques das Trindades. O vento arrastava pelo ar as badaladas frouchas dos sinos, fazendo sumir a pouco e pouco aquela voz de bronze. Wania atirou o gorro, benzeu-se e murmurou: — Enfim, cheguei... II

POR ESSE MUNDO FORA

INGLATERRA

Os progressos da telefonia
LONDRES, 19. — Na Associação Britânica para o Avanço das Ciências, o comandante Sice disse que os progressos da telefonia tem sido tais que em breve todos os subscritores das redes telefónicas poderão falar para os navios do mar alto dentro dum raio de 50 milhas. Os subscritores farão uso dos seus telefones ordinários e a sua voz será transmitida para os navios por meio de telefones sem fios colocados nas estações da costa.

Congresso Imperial
LONDRES, 19. — No dia 1.º de Outubro inaugurar-se-á nesta cidade o Congresso Imperial britânico. O Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul serão representados pelos seus primeiros ministros acompanhados por outros ministros e por um certo número de técnicos e de conselheiros especiais. O Estado Livre da Irlanda enviará também delegados sob a presidência do primeiro ministro Cosgrave.

POLÓNIA

Descontentamento contra a Rússia
VARSOVIA, 19. — Larga grande indignação nos meios polacos devido à nota recebida de Moscova em que o governo dos soviets exige imediatamente e sem condições o seu reconhecimento pela Polónia.

BULGÁRIA

Um protesto da Jugoslávia
SOFIA, 19. — O ministro da Jugoslávia nesta cidade entregou ao ministro dos negócios estrangeiros uma nota de enérgico protesto contra a formação de bandos de comitadjis na fronteira. Essa nota diz que tendo sido já apresentados vários protestos nesse sentido o governo sérvio comunica que se a fronteira for violada as tropas jugoslavas a atravessarão. O governo da Jugoslávia garante que os comitadjis serão dissolvidos.

HUNGRIA

Uma reclamação operária
BUDAPEST, 19. — O comité central dos sindicatos operários solicitou ao presidente do conselho que aprove um projecto de lei estabelecendo um sistema de salários proporcionais aos diferentes índices dos preços do mercado. O presidente do Conselho disse que não podia aceitar esse sistema que tinha dados péssimos resultados na Austria.

ITALIA

Um abalo de terra em Messina
MESSINA, 19. — Sentiu-se aqui um abalo de terra e em vários pontos da Sicília, parecendo que se trata dum movimento de repercussão da onda sísmica que abalou a Ilha de Malta.

PALESTINA

Agitação anti-sionista
JERUSALEM, 19. — Na Transjordânia tem havido grande agitação anti-sionista. O emir Abdulla está comprometido nesse movimento. As suas forças tiveram um encontro com as forças de polícia tendo sido derrotada.

Os que morrem

FUNERAIS

Faleceu ontem pelas 0 horas no hospital de S. José, após doloroso sofrimento D. Maria Araújo Conde, esposa de Alberto dos Santos Conde, ferroviário da C. P. O funeral realizou-se hoje, pelas 15 horas, saído do referido hospital para o cemitério de S. Comélio, Olivais.

FALECIMENTOS

Em sua casa, travessa dos Mestros, 19, 1.º, faleceu ontem o operário tipógrafo Francisco Pinto dos Santos, que actualmente trabalhava na casa de obras do *Diário de Notícias*. Este dedicado camarada, que durante bastante tempo foi tipógrafo de A Sementeira, deixa viúva a sr.ª D. Ermelinda Ferreira dos Santos e um filho menor.

O seu funeral deve efectuar-se amanhã, a hora ainda não determinada.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, junto ao arco pequeno.

20-9-1923 — FOLHETIM DE «A BATALHA» — N.º 1 —

WANIA

DE MAXIMO GORKI

Uma vez durante o jantar, a mãe disse a Wania Kusin:
— Se tu experimentasses ir à cidade...
Wania ficou silencioso. Pelava batatas cozidas e soprava os dedos com ruído, estendendo os braços em forma de tubo e contraindo o sobrolho com uma expressão de enfado.
A mãe examinava-lhe os contornos másculos e frescos do rosto, e, suspirando, repetia em voz mais baixa:
— Se tu experimentasses ir lá...
— Fazer o quê? — perguntou Wania, que se divertia agora a trair as batatas ao ar com uma das mãos e aparafusar as com a outra.
— Há lá muitos como eu e todos teem machados...
— Pois bem! Pega em uma pá... Não tarda que comecem a abastecer os depósitos, e tu poderias rachar a tua pá e fazer qualquer outra coisa... Assim, ganharias para te sustentares. Vai até lá, Waniutcha...
Wania tinha desejos de ir à cidade, mas não respondia a sua mãe. Depois da morte do pai — que havia duas semanas tinha falecido — Wania sentia que se ia tornando muito independente. Enquanto se celebrava o ofício dos mortos, ele pudera, pela primeira vez, beber aguardente sem ser castigado, e agora passava a beber, bambaleando o peito, com o semblante carregado e com um pensativo. Falava já não num tom ínfimo, mas palávras entrecortadas, para imitar o pai.

Depois do jantar, a velha pôs-se a concertar a sua pelica. Ao fim de meia hora, Wania, que se tinha sentado junto da lareira, perguntou:
— Que dinheiro tens?
— Um rublo e sessenta kopeks.
— Dá-me os sessenta kopeks.
— Mas, que queres fazer com eles? — Irel à cidade.

— Estás então decidido?
— Sim, partarei.
— Pois bem! Vai meu filho. Quando tens as coisas deixares-me?
— Amanhã.
Pela madrugada, a mãe abençoou o filho com uma imagem de cobre representando S. Nicolau.
Wania apertou fortemente o cinturão, prendeu-não o machado, enterrou o gorro até às orelhas, e, batendo nas ancas com as mãos calçadas de miteles, disse para a mãe:
— Adeus...
— Que Deus de proteja, Wania! Evita quanto possível a gente da cidade... Porta-te com toda a prudência, porque eles são astutos. Não, beba... Toma sentido!
— Está bem — respondeu Wania, enterrando ainda mais o gorro e afastando-se com modos corajosos.
O céu estava ainda escuro. Tinha dado apenas dez passos, quando foi chamado para trás, chamado pela mãe, que tinha ficado de pé sobre a soleira da porta. Por causa da escuridão, não podia vê-la; ouvia apenas as suas palavras, que ressoavam no silêncio da noite.
— Se bebes, perdes-te, Wania... Tem cuidado com as mulheres da cidade... E daí que vem todo o mal...
— Adeus, gritou Wania.
E, subitamente, sentiu que um sentimento de piedade lhe invadia o coração. Era o pesar de abandonar a mãe, a aldeia, o velho casbre. Parou e escutou de novo... Mas tudo estava tranquilo. A mãe tinha já entrado para o buço coberto de orvalho, imagi-

ando-se possuidor de um soberbo bigode... Um grande côrvo, negro como azevilho, balouçava-se pausadamente sobre a neve, à beira do caminho. Wania assobiou, e a ave sombria, olhando-o com um olho e movendo-se alternadamente sobre as pernas, aproximou-se ainda mais do caminho. Então, Wania bateu fortemente com as mãos uma contra a outra — produzindo um som como o de um tiro de pistola — mas nem assim conseguiu amedrontar a ave...
— Ah, diabol! — murmurou apressando o passo.
Ao meio dia, tinha percorrido metade do caminho. Começou a soprar um vento frio. Aqui e além, pequenos turbilhões de neve transparente destacavam-se das colinas, enovelavam-se em torvelinhos, chocavam-se uns contra os outros, envoltos em poeira branca e fria. Às vezes, erguiam-se mesmo, sob os pés de Wania, uma nuvem de flocoes, que pareciam querer impedi-lo de caminhar; depois, o vento arrebatava-os contra as costas, como se quizesse obrigá-lo a caminhar mais depressa. O horizonte escondia-se sob uma compacta massa de nuvens escuras; o vento, com um gemido magoado, varria o chão, apagando-lhe os vestígios dos passos, correndo ao longo do caminho sem nunca interromper o seu gemido prolongado e melancólico. Wania distinguia a custo os homens e os cavalos que com ele cruzavam e que desapareciam subitamente, como pedras lançadas na água. Fechava os olhos e caminhava ao acaso, entre o

(Continua)

